TELEVISÃO
Valério Andrade

Molière ao vivo

Com a transmissão de sua cerimônia anual pela televisão, os Prêmios Molière de Teatro ganharam um novo e decisivo impulso junto ao grande público, na medida em que, através da multiplicação do vídeo, deixou de ser um espetáculo exclusivo da elite que habitualmente lota o Teatro Municipal. Tal divulgação é um benefício que se extende a toda classe teatral e não apenas aos artistas laureados.

Este ano — e pela terceira vez consecutiva — a festa promovida pela Air France teve o seu *show* estrelado por um cartaz internacional da música popular francesa: Charles Aznavour.

A transmissão ao vivo pela Globo transcorreu dentro de um clima de correção técnica sob a direção geral do experiente João Loredo. A apresentação dos premiados, a cargo dos artistas da emissora, teve como norma geral uma objetividade sem falhas amadorísticas. Apenas o animador Blota Jr., que não estava condicionado à limitação do texto, quebrou o formalismo da cerimônia, com uma inoportuna e supérflua euforia verbal. E é a ele ainda, ou ao seu desentrosamento com o ritmo da festa, que se deve o anúncio prematuro de Charles Aznavour no palco, cujo cronômetro evidentemente não estava acertado pelo do animador.

Com os laureados do palco sentados na platéia, entrou em cena o astro do espetáculo, iniciando um *show* de 14 canções — sem intervalo comercial — que agradou em cheio ao público que compareceu ao Teatro Municipal.

Feio, baixinho, mas sem a timidez de seus personagens cinematográficos, Charles Aznavour (49 anos) cantou para a platéia sem, porém, esquecer de que estava sendo vigiado de perto pelas camaras de televisão.

Inteiramente à vontade no palco, o cantor-ator apresentou-se de maneira informal, de terno e gravata, em flagrante contraste com a vestimenta da moda. Embora cante em quatro linguas — francês, inglês, italiano e espanhol — Aznavour limitou-se às canções francesas, fiel a sua origem e alheio ao estilo sonoro imposto pela máquina musical.

A mobilidade cênica de Charles Aznavour não aprisiona a visualização do espetáculo. Parado, andando, de costas para a platéia ou dançando agarrado com o microfone, ele impõe um ritmo próprio ao *show*, valorizando em tudo por tudo a interpretação vocal. Sua movimentação física — que o leva a tirar o paletó ou a deixar cair um lenço — acha-se em perfeita harmonia musical com a orquestra.

Aqui não há lugar para o amadorismo ou as improvisações — e certamente não foi por acaso ou com a ajuda do físico que Aznavour chegou onde está. E, ao contrário do que ocorreu com muitos cantores de sua época, conseguiu ficar. Lá no alto.

"SHOW"
Mary Ventura

E por quê?

Os créditos do **show** de Paulo Diniz (**E Agora?**), no Teatro da Praia, indicam que ele foi escrito e dirigido por Antônio Crisóstomo, o que já seria uma garantia. Mas como escrito, se à exceção de uma pequena introdução gravada e mais algumas outras frases em **off**, nada mais é dito durante todo o desenrolar do espetáculo? A resposta para essa estranha questão está no programa impresso que, **atenção**, é elemento indispensável à participação e compreensão da platéia: existe um roteiro, uma "espécie de biografia subjetiva e musical de Paulo Diniz", que percorre sua infancia, adolescência, o princípio da vida adulta, a partida para Recife, a cidade, os 30 anos, o Rio e o impasse final que motiva o título.

As composições de Paulo Diniz estão em perfeita compatibilidade com o título do disco

No palco, Paulo Diniz começa cantando seu primeiro e ainda maior sucesso, **Quero Voltar Pra Bahia** (I don't want to stay here...), segue com **Piri Piri** (de parceria com Odibar) e passa rápido para **Ave-Maria** (Erotides de Campos e Jonas Neves), **Chuá Chuá, Canoeiro,** Por quê? Ver, por favor, o programa. Entre temas folclóricos do Nordeste e **Vou-me Embora**, de sua autoria e Roberto José, surgem **Luar do Sertão e Deus e o Diabo na Terra do Sol**. Mas o programa explica, assim como explica os boleros, sambas-canções de Lupicínio Rodrigues, mambos, rumbas e sambas de carnaval. Está tudo lá.

E aqueles que não se lembram de comprar o programa (Cr$ 3,00)? Bem, mesmo sem se entender a estrutura do **show** de um cantor e compositor, há os números musicais, a interpretação, o acompanhamento. A evidente falta de preparo físico de Paulo Diniz e a longa duração do **show** — cerca de 35 músicas — prejudicam bastante seu desempenho, já seriamente comprometido pela qualidade do repertório — o seu próprio e, em grande parte, o alheio. Como recompensa, o sexteto acompanhante é animado e entrosado, com pelo menos duas excelentes figuras: o pianista Cidinho e o fautista Oberdã.

A cenografia obedece a uma concepção ingênua — descrever, através de alguns elementos colocados em momentos estratégicos ou iluminados enfaticamente, a intenção de algumas músicas ligadas entre si pelo tema ou pelo seu gênero. E sem tentar enfatizar nada, pelo menos aparentemente, há uma incrível coreografia de fogos de artifício, que talvez não persista todas as noites tendo em vista o alto custo do investimento.

Na verdade, qual a razão de todo o investimento? O lançamento de um artista sozinho em teatro só se justifica na medida em que ele já é consumido e consagrado por uma larga faixa de público (o que antigamente se chamava ter muitos fãs). Ou quando numa carreira ainda curta, alimenta esperanças muito sólidas de uma rápida ascensão, pela repercussão do seu trabalho inicial. E Paulo Diniz não é nem uma hipótese, nem outra.

MÚSICA
Renzo Massarani

A "Terceira", de Mahler

"Estou trabalhando numa grande obra; você não pode compreender como isso toma conta de todo o meu ser, e quão profundamente eu estou imerso nesse trabalho, a ponto de parecer morto para o mundo circunstante. Estou me tornando, por assim dizer, apenas um instrumento no qual soa todo o universo... Em tais momentos, não pertenço mais a mim mesmo. São dores terríveis as que sofre o criador de obras assim e, antes que tudo se reordene na sua mente e se estruture e se apazigue, ele deve abandonar qualquer tentativa de distração e deve ficar imerso em si mesmo, deve estar morto para o mundo que o circunda... Minha sinfonia será algo que o mundo ainda não ouviu. Toda a natureza fala ali e diz segredos tão profundos que possivelmente podemos sentir apenas em sonho... Vez ou outra, em certos momentos, sinto um mal-estar tão grande que me parece que não sou mais eu, o compositor. Se pelo menos conseguisse realizar o que me proponho! É terrível que essa sensação cresça em mim, mais do que qualquer outra coisa que já compus até agora; a *Segunda Sinfonia*, em comparação, parece uma menina. Esta *Terceira* está muito, muito além de estrutura normal; e tudo o que é humano torna-se pequeno, quase como se tratasse de um reino de pigmeus. Um autêntico terror toma conta de mim, quando vejo que diretriz estou tomando, o caminho que a música se destina a percorrer; quando penso que tenho a terrível necessidade de trazer dentro de mim esta obra gigantesca... Nesta *Sinfonia* trata-se de um amor diferente do que você imagina. O motivo do último movimento é: "Pai, olhe as minhas feridas! Não perca nenhuma criatura!" ...Você compreende de que se trata? Está assim demarcado o mais elevado cume do qual se pode olhar para o mundo. Poderia definir também assim: "O que Deus me conta." E o sentido é precisamente este: que Deus, em definitivo, pode ser concebido apenas como *amor*. Desta maneira, minha obra constitui um poema musical que abrange todos os graus da evolução, num crescendo progressivo. Abre-se com a natureza inanimada, para depois subir até ao amor de Deus."

Se estas palavras do compositor tivessem sido publicadas no programa impresso do concerto de domingo, tão eficazmente dirigido e revivido pelo jovem regente brasileiro Davi Machado, e com a participação de Maria Lúcia Godói (como sempre intérprete perfeita), da Associação de Canto Coral (preparada por Cléofe Person de Matos, dos Canarinhos de Petrópolis, de uma Orquestra Sinfônica Nacional irreconhecível, nosso público teria compreendido muitíssimo mais e aplaudido a *Sinfonia nº 3*, seu regente e seus intérpretes com bem mais calor e emoção.

MÚSICA POPULAR
Júlio Hungria

"Lugar-comum"

Usando chavões como "Levando a vida/Pra vida não me levar" ou "quem sabe de mim sou eu" (original por Gilberto Gil, em Aquele Abraço*), seu parceiro na faixa título parece ter observado com aplicação o título sugerido ao disco* (Lugar-Comum, *Odeon, SMOFB 3.793); os outros parceiros, que dividem com Diniz o repertório deste LP, terão sido também, no entanto, comportados autores — em todas as faixas o lugar-comum está presente, marcante, no texto.*

A música terá sido feita, do mesmo modo, sob medida: um compositor que conseguiu ser uma razoável promessa ao primeiro sucesso (Quero Voltar pra Bahia, I Wanna to Go back to Bahia), *Paulo Diniz não cumpre uma performance digna do que dele se poderia esperar — como os parceiros, comportadamente, produz trabalhos repetitivos, às vezes possivelmente comerciais.*

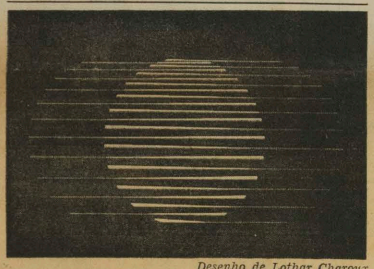
Do naufrágio, salvam-se: para tocar no rádio, a terceira faixa do lado A (Nega Doida, c/Odibar)*; e a curta mas sincera dose de originalidade (relativamente ao contexto brasileiro) que o artista usa para marcar sua interpretação — uma pitada de* soul *(neste disco, aliás, quase imperceptível), o clima vagamente baiano.*

No mais, entre um provavelmente recusado tema para novelas (Água e Poeira, *B5), um inesperado samba de terreiro* (Caboclo Império, *B3) e uma balada a Roberto Carlos* (Na Avenida, *B6), há uma (aparente) procura, incessante, do som e/ou do gênero que possa reconduzi-lo ao* hit parade.

Vão esforço. Uma plateia consciente não responderá.

O disco, então, é um lamentável engano: Paulo Diniz, potencialmente, seria um artista capacitado a oferecer bem mais que isso ao aficionado da MPB; nesta procura infrutífera de acertar jogando com ingredientes, fórmulas e receitas, esqueceu da arte que poderia ter desenvolvido até com mais lucro.

ARTES PLÁSTICAS
Walmir Ayala



Desenho de Lothar Charoux

Equações gráficas

Hoje, às 21 horas, a Galeria Grupo B (Rua das Palmeiras, 19) inaugura uma mostra de Lothar Charoux, um dos importantes pesquisadores do concretismo no Brasil, e participante da primeira e segunda exposições de arte concreta, respectivamente em São Paulo e no Rio. Charoux nasceu na Áustria e reside no Brasil desde 1928. Sua pesquisa geométrica tem-se mantido coerentemente no limiar do ótico, destacando-se pelo despojamento e nível técnico de um desenho de natureza quase mecanica, tamanha a perfeição de acabamento de suas estruturas de linhas. A composição, abertura, progressão, paralelismo e relacionamento destas linhas alcança em Lothar Charoux uma intensa criação de formas e espaços resultantes de equações gráficas da mais alta originalidade em nosso panorama. Uma importante e oportuna mostra esta que o Grupo B inaugura, uma vez que Charoux está ausente das galerias cariocas desde 1957 e, em sua tendência, é realmente um mestre. Entre os prêmios já conquistados pelo artista, destacam-se o Primeiro Prêmio pelo Conjunto de obras no I Salão de Arte Contemporanea de Belo Horizonte, e o Primeiro Prêmio de Desenho no I Salão de Arte Contemporanea de Campinas. Atualmente, Charoux participa do Panorama da Arte Brasileira no Museu de Arte Moderna de São Paulo e na sala especial de Arte Construida na XXII Bienal de São Paulo.

COLETIVA

Uma coletiva de gráficos nacionais e estrangeiros inaugura uma nova fase de exposições do Clube Caiçaras, sob a orientação da Transarte. O comum, em clubes de prestigio e grande frequência, é a utilização de acontecimentos artísticos como detalhe de somenos importancia num esquema promocional. Rara é a determinação de fazer desses acontecimentos, em plano mais refinado de comunicação didático-cultural, um trabalho sério e rendoso no sentido de instrução intelectual, num recinto de participação social e entretenimento. A soma de forças, neste sentido, traz às salas do Caiçaras a primeira mostra realmente elogiável de que temos lembrança, realizada em clubes locais. Uma mostra programada, estudada, criteriosamente montada e abrangente, dentro de um enfoque das tendências mais importantes da gráfica nacional, com alguns exemplos importantes da gráfica internacional. Artistas reunidos: Picasso, Dorée, Victor Hugo, Vieira da Silva, Rouault, Utrillo, Ivã Serpa, Visconti, Portinari, Di Cavalcanti, Milton Dacosta, Zaluar, Augusto Rodrigues, Aluísio Carvão, Mário Mendonça, José Paulo Moreira da Fonseca, Helena Maria Beltrão, Ana Leticia, Carlos Leão, Fayga Ostrower, Guima, Darel, Ana Bela Geiger e Araújo Porto Alegre.

CINEMA
Ely Azeredo

Geração de mutantes

Para um diretor que começou a fazer filmes quase por acaso *(Raquel, Raquel*, oportunidade muito cobiçada por Joanne Woodward, só encontrou apoio financeiro quando ele aceitou jogar o prestígio de seu nome), Paul Newman pode se orgulhar dos resultados que alcançou. Tanto sua primeira quanto sua terceira realização — *The Effect of Gamma Rays on Man-in-the Moon Marigolds (O Preço da Solidão)* oferecem ao espectador uma gama bastante rica de observações psicológicas, através de personagens minuciosamente compostos e que se comunicam estritamente através de seu comportamento. O segundo filme que realizou, *Sometimes a Great Notion* (com Henry Fonda, Lee Remick, Newman), não tão interessante, surgiu quase como uma tarefa compulsória: com o afastamento do primeiro diretor, o ator foi convocado para solucionar o problema.

Embora o paralelo seja mais lisonjeiro para *Raquel, Raquel*, certa afinidade entre este e *O Efeito dos Raios Gama* deve ser obrigatoriamente sublinhada. "Todo mundo achava que o tema (de *Raquel, Raquel)* era muito minúsculo", disse Newman, explicando seu sucesso: "... a solidão é uma emoção universal; as pessoas se identificaram com ela, com a personagem. Era a verdade sobre as lutas que as pessoas têm que enfrentar para mudar". A solidão, o cerco da vulgaridade, os acenos da desesperança acossam igualmente os personagens de *Raios Gama*. No primeiro, a luta cabe a Raquel (Joanne), cuja vida sofre a ação esterilizante de uma mãe possessiva. No filme em cartaz, a luta se transfigura na resistência silenciosa da filha, menina de ginásio (em verdade, Nell Potts, filha de Newman e Woodward) ao tropismo da amargura destilada pela mãe (Joanne).

Na fita em tela é difícil encontrar motivos muito convincentes para o Prêmio Pulitzer e o da crítica de Nova Iorque atribuídos à peça de Paul Zindel. Parece-me, sobretudo, um veículo hábil para uma interpretação de atriz capaz de desencorajar restrições da crítica. O roteiro de Alvin Sargent, respeitoso em relação ao texto, não esconde uma formação extracinematográfica (escritor de TV): as poucas sequências fora de quatro paredes que ele adicionou não enriquecem o original, nem dão maior qualificação visual à versão cinematográfica. Como, apesar de tudo, o filme contorna o teatralismo e impõe frequentemente um clima de força cinematográfica, impõe-se a convicção de que Newman tem *garra* de cineasta.

O cineasta não esquece sua arte de ator: o trabalho conjunto com o elenco dá a cada figura a ressonancia exata, uma humanidade à qual é difícil resistir. Naturalmente, Joanne Woodward tem a parte-do-leão no papel da viúva cuja agressiva amargura encontra correspondência simbólica na radiação nuclear sobre as flores do experimento escolar de Matilda. Roberta Wallach, como a outra filha, mais sensível ao exemplo materno, doentio e vulgar, também está muito bem. Mas quem *rouba* o filme é Nell, que se identifica com as plantas de dupla floração sob os raios gama, a confiança na possibilidade de uma fascinante mutação da espécie humana.

O PREÇO DA SOLIDÃO (The Effect of Gamma Rays on Man-in-the-Moon Marigolds) — Elenco: Joanne Woodward (Beatrice Husdorfer), Roberta Wallach (Ruth), Neil Potts (Matilda), Judith Lowry (Nanny), Michael Kearney (Chris Burns), Roger Serbagi (Charlie), Ellen Dano (Janice Vickery), David Spielberg (Mr. Goodman), Carolyn Coates (Mrs. McKay), Estelle Omens (Caroline), Richard Venture (Floyd), George Bartenieff (homem no bar), Will Hare (vendedor de objetos usados), Jess Osuna (Sonny), Dan Demott (o outro policial), Lynn Rogers (Miss Hanley). Dirigido por Paul Newman. Roteiro: Alvin Sargent. Baseado na peça de Paul Zindel (primeira encenação **off**-Broadway em 1970), intitulada no Brasil **Os Efeitos dos Raios Gama Sobre as Margaridas do Campo**. Fotografia (DeLuxe Color): Adam Holender. Montador: Evan Lottman. **Designer** de produção: Gene Callahan. Cenógrafo: Dennis Maitland. Vestuário: Anna Hill Johnstone. Produzido por John Foreman. Cia. produtora: Newman-Foreman. EUA, 1972. Projeção: 101 minutos. Distribuição: Fox. Lançamentos: 22-10-72, Palácio, Leblon e América.

24-10-73

Instituto de Estudos da Imprensa